SEMANA TEOLÓGICA DA UNICAP

EVANGELIZAÇÃO, MUNDO URBANO E INVISIBILIZADOS

Tiago Santos da Silva*

RESUMO

Nossa proposta visa uma reflexão entre a temática da evangelização, que é a razão de ser da Igreja, o desafio do mundo urbano, que no Brasil hoje é mais que oitenta e cinco por cento da população, e os invisibilizados neste contexto. Nesse meio, temos os invisibilizados socialmente, mas que existem: moradores de rua, travestis, catadores de lixo, pichadores. Ante tais desafios a evangelização comporta ser muito mais presença solidária e acolhida que doutrinação.

Palavras-chave: Evangelização. Mundo Urbano. Sociedade. Invisibilizados.

1 Evangelização: um apelo que nasce de dentro mesmo da experiência cristã.

1.1 Evangelização

Quando buscamos aprofundar a palavra Evangelho, nos deparamos com a compreensão de Boa notícia. Assim, evangelizar é levar uma boa notícia, e em nosso contexto de reflexão, levar não qualquer boa notícia, mas a boa notícia de Jesus de Nazaré.Dizemos então que evangelizar consta de três graus: "evangelizar é anunciar os evangelhos; os evangelhos anunciam Jesus Cristo; Jesus Cristo anuncia o advento do reino do Pai, que é vida e liberdade para as criaturas humanas" (COMBLIN, 2010, p. 5). Assim sendo, evangelizar, antes de ser uma implantação do sistema religioso, ou uma doutrinação, é aproximação e solidariedade com todos, especialmente com os pobres. Isso a partir de uma experiência.

Os cristãos, em cada tempo e lugar, sentem-se desafiados à evangelizar, pois são instigados, convidados, enviados a levar a boa notícia do Evangelho nas diversas realidades culturais. Quando vamos à historia, percebemos que desde os

* Graduado em filosofia e teologia, com especialização em teologia da vida religiosa. Mestrando em teologia pela UNICAP. frtiagocap@gmail.com.

inícios do cristianismo, a mensagem cristã sempre foi fermento nas culturais do oriente e do ocidente. A leitura dos Evangelhos e a interpretação que se faz deles nos diferentes contextos é sempre motivo de fecundação da cultura. Dizemos assim que evangelizar é anunciar a boa nova de Jesus de Nazaré, e esta boa nova não é passiva, mas ativa, fecundante, transformadora.

1.2 Encontros que transformam vidas

A vida cristã se dá nos encontros. Encontros entre a pessoa e Jesus Cristo, entre a pessoa e outras pessoas, encontro de culturas, povos diferentes. Assim o vemos nos relatos evangélicos (Lc 19, 1-10, o encontro com Zaqueu; Jo 4, 5-43 Jesus e a samaritana; Jo 9, 1-10 a cura do cego de nascença; Lc 6, 12-19 Jesus que chama os apóstolos). De modo que não há uma vida cristã sem o encontro, sem a relação, pois "não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva" (DA, 12). Fruto desse encontro, dessa experiência, é a vida cristã, que acontece na história.

Jesus deixou a Igreja como continuadora de sua missão, por isso, a exigência do anúncio não é só algo meramente moral, como um cumprimento de um dever, mas está implicitamente unido a experiência mesma do ser cristão. Quem faz a experiência, quem tem o encontro com o Senhor, sente-se impelido ao anúncio. Este anúncio é inerente a natureza e dinâmica do encontro com o Senhor.

1.3 A 'Igreja em saída' para evangelizar (EG, 22)

O Papa Francisco tem, ao longo de seu pontificado, numa busca sincera de fidelidade evangélica, provocando a Igreja a uma saída. E ele é enfático, pois fala em saída de um lugar concreto para outro lugar concreto. Sair da acomodação e ir às periferias existenciais, mesmo correndo o risco de acidentar-se (EG, 49). Uma Igreja que seja ponte e construa pontes, e que não seja autorreferencial.

Aqui, usando uma imagem, a das mulheres da ressurreição (Mt 28, 1-8; Mc 16, 1-8;Lc 24, 1-10 e Jo20, 1-10, vemos como elas ao saberem da ressurreição, saíram para comunicar, anunciar, partilhar sua alegria e alimentar a esperança dos

desesperançados. A Igreja que vive da Eucaristia, é chamada a ser um pão partido para um povo quebrado em suas mais expressivas colunas de vida.

A Igreja tem a missão de ser uma comunidade comunicante. Pela Palavra e pelos atos ela anuncia aquilo de que é testemunha. Ela é sinal no mundo do que o mundo deveria ser no desejo de Deus. Daí que a Igreja, para ser sinal de Deus, sacramento de Jesus no mundo, necessita ser uma Igreja querigmática, hospitaleira de todas as diferenças, pois como é feita e refeita na unidade do Espirito, ela não pode conformar-se com a unicidade, mas precisa buscar nas diferenças, a unidade. Necessita ainda ser uma Igreja da Esperança, que oferece esperança, alento e acolhida ao desancorados existenciais. Ela não pode viver de si e para si.

2 Mundo urbano: complexo, contraditório, conflitivo, porém, grávido de possibilidades

2.1 O que é o urbano?

Apesar das diferenças que possamos estabelecer, tomamos o termo urbano como sinônimo ou o mais aproximado do termo cidade, pois as duas realidades expressam um estilo de vida e de comportamentos que estão circunscritos a uma área geográfica com concentração populacional não agrícola, e que desenvolve um modo muito próprio de vida.

Esse dito mundo urbano, é complexo, pois os tipos de relações que aí se estabelecem têm por base várias motivações, seja de ordem econômica, religiosa, política, cultural. A cidade ao longo da história vai se constituindo, em geral fora do ambiente de fazenda, pois ali continua sendo o ambiente de trabalho. Por vezes numa colina, como que por estratégia de sobrevivência, ou as margens de rios, ou em portos, próximo ao mar, inicia-se uma povoação. Ali se ergue uma igreja, como lugar da religião, seguido de uma praça, lugar da vida pública e ao redor as casas, habitações dos trabalhadores e convivas daquela localidade (LIBANIO, 2001,p. 31).

A cidade, como conjunto de espacialidade e convivência, transeuntalidade e relações das mais diversas, cria um estilo de vida diferente, ao que se pode chamar de urbano em contraponto com o rural.

2.2 A cidade e seus desafios

As cidades, que tem características bem peculiares, sempre foram uma possibilidade e um desafio para a evangelização. Desafio, pois a literatura testamentaria de que se dispõe, além de ser de recorte oriental, é também permeada de um sabor rural. Basta ver o Antigo Testamento e as parábolas de Jesus no Novo Testamento. Na sua grande maioria retratam um contexto campesino

Porém o desenrolar da Igreja dá-se no mundo urbano. Daí que o caminho que Lucas traça nos Atos dos apóstolos, indo de Jerusalém a Roma, é um caminho urbano. E nos anos subsequentes, as convergências e divergências entre "Jerusalém e Atenas" serão decisivos para os rumos da fé cristã.

No entanto ao longo anos vai se configurando uma sociedade e consequentemente a igreja, muito mais rural do que urbana. Podemos dizer que até o século XII temos um tipo de evangelização muito de acordo com um mundo rural. Uma Igreja que se convencionou chamar de feudal, pois estava imersa num mundo não só geograficamente, mas de mentalidade rural. Com o advento dos mendicantes, especialmente franciscanos e dominicanos, temos um estilo de igreja e pregação (evangelização) mais voltado para cidade.

No atual contexto, acentuamos que o desafio da cidade é que ela "reforça a autonomia da pessoa em relação aos grupos naturais, à família, à vizinhança, ao clã, à religião, á etnia [...] tornando a pessoa autônoma e livre" (COMBLIN, 2003, p. 21). De modo que cria uma dinâmica diferente e abre espaço para tantas outras possibilidades.

No que possamos ainda dizer sobre a cidade é que ela, apesar e além dos desafios que apresenta, está sempre cheia de possibilidades, pois é o lugar do encontro, das relações mais aproximadas, da reflexão. Dependendo do grau de desenvolvimento econômico e/ou cultural pode ser espaço fecundo de evangelização. Basta ver a atividade de Paulo nas cidades.

2.3 A cidade e a evangelização

Aqui é importante afirmar que a evangelização da cidade, ou do meio urbano sempre inquietou a fé cristã. Sendo que esta em alguns momentos da história

conseguiu dialogar e aprofundar a sua experiência, e em outros não teve êxito. Outro aspecto importante que não se pode esquecer é que existe uma lógica das cidades, onde a fé exerce uma influência na formação e vivência das cidades, e estas criam um ambiente diferenciado para a vivência da fé. De modo que se influenciam mutuamente. A esse propósito temos a obra de Pe. Libânio (2001), que abordou de maneira expressiva tal temática.

Cabe aqui uma observação acerca de espaço, pois no dizer de Libânio a modernidade e a pós-modernidade cultural, provocaram uma revolução. No tocante ao espaço dado, temos um espaço construído, contrário ao espeço sagrado, temos um espaço secularizado ou ressacralizado, ao contrario de um espaço fixo, temos um ambiente móvel e fragmentado (LIBANIO, 2001. p. 29). Nesse contexto de revolução cultural, outro dado, muito ligado a vida cidadina, é a subjetividade. Os indivíduos, apesar de viverem juntos numa mesma espacialidade, desenvolvem, alimentam e vivem muito mais sua subjetividade e individualidade, criando assim uma "nova cultura".

Num contexto, onde se mescla espacialidade e subjetividade a vida cristã tem a oportunidade de efetivar a ética e a justiça. Nesse sentido é bom relembrar o que disseram os bispos em Puebla:

> A Igreja se encontra pois diante do desafio de renovar sua evangelização, de modo que possa ajudar aos fiéis a viver sua vida cristã no quadro dos novos condicionamentos que a sociedade urbano-industrial cria para a vida de santidade; para a oração e a contemplação; para as relações entre os homens, que se tornam anônimas e arraigadas no meramente funcional; para uma nova vivência do trabalho, da produção e do consumo. (DP, 433).

Sobre essa temática forma elaborados estudos diversos[1], contudo na visão de Comblin o problema não é intelectual, mas estrutural (2003, p. 29). De modo que os problemas não são dados e documentos, e sim ação.

3 Os invisibilizados sociais e a evangelização

Já em 1979, Puebla, falando sobre a cidade, assinalava temos um contexto onde se produzem mais e mais **"**relações entre os homens, que se tornam anônimas

[1]PASSOS, J.D; SOARES, A.M.L. A fé na metrópole: desafios e olhares urbanos. São Paulo: Paulinas, 2009; VITORIO, J; BUROCCHI, A. M. Religião e espaço publico. São Paulo: SOTER & Paulinas, 2015; ALBUQUERQUE, F.C; GODOY, M. J. A pastoral numa Igreja em saída. São Paulo: Loyola, 2018.

e arraigadas no meramente funcional" (Puebla, 433). De modo que, instala-se uma lógica que desconfigura e descaracteriza as relações humanas nas suas raízes mais profundas, portanto nos seus valores mais elementares.

3.1 A compreensão de invisibilização

Ao longo de nossa exposição acentuamos a evangelização como anúncio de uma boa notícia. Contudo, este anúncio é feito a sujeitos, pessoas, que desejamos sejam livres e conscientes para abraçar a proposta da fé. No entanto a realidade não é bem assim. Estamos inseridos em um contexto sócio e cultural tão complexo e excludente, que de alto a baixo, das relações mais expressivas as mais corriqueiras, vivemos situações de invisibilização.

Ao falar de invisibilização quaremos chamar atenção para os anonimatos que vão determinando as relações, seja na esfera do privado, seja no espaço das relações públicas. Nas palavras de Carlos Mendoza, citando Lévinas, a "invisibilização do outro acontece antes mesmo de sua aparição como fenômeno social, como parte do próprio processo de advento da subjetividade em relação aos outros" (2016, p.35). A vivência de uma subjetividade fechada é tão forte, que antes mesmos das relações sociais, grupais, o eu já se prepara para invisibilizar quem quer que seja.

Nesse sentido partilhamos algumas expressões de invisibilização, que vão acontecendo no "submundo" das relações e estruturas em que vivemos. A primeira sinalização que fazemos, diz respeito ao mundo da comunicação. No passado, 26 de maio, houve uma chacina no complexo presidiário Anísio Jobin em Manaus-AM. O noticiário de maneira geral repercutiu o fato. Detalhe, não se sabe ao menos o nome de algum daqueles que foram assassinados. Não se mencionou idades, cor da pele, lugar de onde veio. Mas o fato grita.

Outro local é o hospital da rede pública. Ali a pessoa é um paciente. Parece até que o substantivo pessoa é esquecido. Parece não ter identidade. Isso no trato e na contagem numérica. Contam-se os mortos. Nessa mesma lógica temos os moradores de rua. A quantidade pessoas em situação de rua hoje no Brasil é um verdadeiro ato de invisibilização. A maioria não tem documento, casa, trabalho, família. Elementos básicos para entender-se como pessoa e como cidadão. Existem,

estão ali, mas não se sabe muito sobre eles. Viram noticia quando morrem ou quando o pode instituído precisa fazer alguma atrocidade. Não fazem parte do sistema. Não tem serventia.

Outra expressão de invisibilização social são os pichadores[2]. Suas pichações, não são nada mais que gritos de existência. Para além dos juízos de valores que possamos fazer, eles denunciam que tem algo acontecendo no "submundo". E aqui nos advêm algumas perguntas: o que querem dizer aqueles desenhos "horríveis"? Mais: o que querem dizer, os que fizeram o desenho? Que grito surge dessa atitude "subversiva"? O que querem mostrar?

3.2 Invisibilizados, porem sujeitos

Aqui entra um desafio para os seres humanos em geral, mas especialmente os habitantes das cidades e os que carregam no nome e na existência a marca de cristãos. Perceber que estes invisibilizados também são sujeitos. Não são meros passivos da história. Eles têm e são história. A partir do seu lugar social eles vivem. Sua situação não é um dado natural, mas fruto de um constructo social.

Tomamos aqui a compreensão de sujeito como um ser historicamente situado, experimentando uma cultura de "vivências" (emoções), onde a estetização o leva a um cotidiano espetacularizado, envolvendo-o numa amnésia constante (é feliz quem esquece), e onde o consumir é "documento" que lhe outorga cidadania. Marcado ainda por um individualismo que tolhe a alteridade.

3.3 Invisibilizados, porem destinatários da evangelização

Neste último ponto, gostaríamos de refletir sobre os invisibilizados no tempo de Jesus. Encontramos no episódio dos endemoniados gadarenos (Mt 8, 28- 34); ao lado de Jesus na cruz (Lc 23, 35-43), os ladrões sem identidade; o homem caído no caminho (Lc 10, 25-37); Lucas no coração de sua narrativa põe a parábola do filho que foi embora (Lc 15, 11-32) sem nome, sem endereço. Jesus, em um de seus mais belos encontros (Jo 4, 5-43) com a samaritana. Aí ela não tem nome, mas diz-se a causa de sua exclusão: era mulher e samaritana.Outro acontecimento com uma

[2] Cf. Video: Luz, câmera, PICHAÇÃO. https://www.youtube.com/watch?v=b_MB_CmhjUQ

mulher, que per si já era invisibilizada na cultura, é o caso da hemorroísa Lc 8, 43-48. Por ser mulher e por arrastar-se com sua enfermidade era excluída e, portanto, invisibilizada.

Ainda dois episódios na vida de Jesus que podemos falar de invisibilização, porem que Jesus traz a vista é Emaús (Lc 24, 13-35), onde dois caminhantes, sem nomes, tornam-se anunciadores do ressuscitado, e o homem da mão seca em Mc 3, 1-6. Aí Jesus a enfermidade e faz o convite: vem para o meio, ou seja, você também é pessoa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo sem concluir, acentuamos que da proposta de evangelização deixada por Jesus de Nazaré ninguém está fora. Todos, independente da condição social, orientação afetiva, cor da pele, etnia, ideologia política, a todos é oferecida a proposta do Evangelho. “Não se acende uma lâmpada para pô-la embaixo da mesa, mas para fazê-la brilhar” (Mt. 5,15), de modo que a vida que Deus presenteou a cada um, deve ser valorizada e respeitada em toda a sua expressão.

Evangelizar é promover a vida e a dignidade humana, ajudando a cada um, viver sua dignidade de filho de Deus. É claro que os novos areópagos nos desafiam e nos provocam. O mundo urbano, enquanto geografia e enquanto mentalidade é um excelente espaço de evangelização, pois ele carece da fecundidade da fé. é o desafio de ver a rua como lugar teológico, lugar da manifestação de Deus, pois ali estão os preferidos dele. Os pobres, os que ninguém quer, os que a ninguém interessa. Os sem serventia são os preferidos de Deus, pois estão fora do juízo dos homens, mas no centro da revelação. Deus os ama, e ama como filho.

A Igreja deve ser para o mundo sinal do que o mundo deveria ser. Uma esperança, uma alegria, uma luz.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, C.M; JOBIM, J. L; GALLARDO, M.M. **Mímesis e invisibilização social**: a interdividualidade coletiva latino-americana. São Paulo: É realizações, 2016.

BIBLIA. **A Bíblia de Jerusalém:** Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

COMBLIN, J. **Os desafios da cidade**. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. **Evangelizar**. São Paulo: Paulus, 2010.

CELAM. **Documento de Aparecida**. Texto conclusivo da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulinas e Paulus, 2009.

_____. **Conclusões da Conferência de Puebla - 1979**. Texto conclusivo da III Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulinas, 2009.

FRANCISCO. **Evangelii Gaudium**: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Loyola e Paulus, 2013.

HOUAISS. **Dicionário de linga portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.